

Salas comerciais viram lares

Os casos de mudança de destinação de prédios comerciais para residenciais estão espalhados por quase toda a cidade. Opções mais baratas, mesmo que desconfortáveis, surgem como solução para quem não pode morar melhor. A W3 Norte, por exemplo, está praticamente tomada por salas de sobreloja alugadas para moradia através de contratos comerciais.

No Setor Terminal Norte, há mais de dois anos, o edifício Fouad Ibrahim Bittar I, onde deveriam funcionar consultórios médicos e clínicas, virou residência. São mais de 100 salas com banheiro, usadas como quitinetes, por apenas R\$ 250 o aluguel mais R\$ 60 de condomínio, com direito a elevador e vaga na garagem.

De acordo com a síndica do prédio, a revendedora de veículos Keila Vieira, como o preço é baixo em relação aos demais aluguéis no Plano Piloto, no iní-

cio da ocupação houve muitos problemas com rapazes solteiros e garotas de programa durante a noite. Mas agora, ela garante, está tudo tranqüilo.

"Esse prédio realmente deveria ser comercial, só que faltou mercado e aí eles resolveram alugar para moradia", conta ela. No ano passado, a imobiliária Marcos Koenighan chegou a ser notificada pela Administração Regional de Brasília, por causa disso. A síndica diz que a imobiliária sabe da situação e aceita. Os contratos de locação são todos comerciais.

"Não podemos cancelar os contratos de quem já está morando. Só não vamos mais aceitar renovações", explica Marcos Koenighan, proprietário da empresa. "Esse é um problema sério que não conseguimos fiscalizar".

Outro caso de prédio comercial que por pouco não se transformou em residencial definiti-

vamente é o Edifício San Marino, na 707/907 sul, que chegou a ser anunciado e vendido como moradia. "Só descobrimos que era comercial quando mudamos e apresentaram a convenção do condomínio", conta a estudante Andréa de Carvalho, 34 anos. Ela mora com o marido e dois filhos no que deveria ser uma sala comercial de 40 metros quadrados no quarto andar do prédio.

Segundo ela, a administração chegou a sugerir que a família desocupasse o imóvel e entrasse na Justiça contra a empresa. "Não tínhamos por que sair. Compramos o empreendimento em 1995 ainda na planta. Foi nosso investimento para escapar do aluguel", diz ela. Hoje, Andréa e mais oito proprietários conquistaram o direito de morar no San Marino e convivem pacificamente com o condomínio, formado por 28 salas em cada um dos cinco andares.